



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

Literatura



França Júnior

Dois proveitos em um saco



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

Dois proveitos em um saco

França Júnior

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Publicado originalmente em 1883.

Livro Digital nº 869 - 1ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Brasileira.

Joaquim José de França Júnior

(1838 - 1890)



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

DOIS PROVEITOS EM UM SACO



PERSONAGENS:

AMÉLIA TEIXEIRA

LUÍS TEIXEIRA (seu marido)

CATARINA (criada alemã)

BOAVENTURA FORTUNA DA ANUNCIÇÃO

A cena passa-se em Petrópolis, no verão de 1873.

ATO ÚNICO

Sala regularmente mobiliada.

CENA I

Amélia e Catarina.

AMÉLIA (*mirando-se em um espelho*)

Como achas este vestido?

CATARINA

Vai-lhe às mil maravilhas, minha ama.

AMÉLIA

Lisonjeira.

CATARINA

Somente tenho que fazer-lhe uma observação. Permite-me?

AMÉLIA

Fala.

CATARINA

Parece-me que se a cauda fosse mais pequena...

AMÉLIA

Tola, tu não sabes o que é o chique.

CATARINA

Pois olhe, não é isto o que diz o seu Antonico Mamede.

AMÉLIA

E quem é este senhor Antonico?

CATARINA

Seu Antonico Mamede é um moço louro, que costuma ir todos os sábados ao baile alemão. Aquilo é que é rapaz de truz Se minha ama visse com que graça e elegância ele dança a polca!...

AMÉLIA

Oh! atrevida! Tu queres fazer-me confidências amorosas?

CATARINA

Minha ama não namorou também ao senhor Teixeira antes de se casar com ele? Ainda me lembro quando aqui chegaram em novembro do ano passado, para passarem a lua de mel. Vinham tão agarradinhos que dir-se-ia um casal de pombos batedores. E como estava este chalé! Era um brinco!

AMÉLIA

E os tais oito dias oficiais da lua de mel prolongaram-se até hoje graças ao belo clima de Petrópolis. Ser condenada a passar aqui uma vida inteira, sem ter uma distração no inverno, contemplando, saudosa, todos os anos, esses bandos de andorinhas que voam para a corte, apenas o arvoredado começa a perder o brilho de suas folhas verde-negras. Ora, diz-me uma coisa. Este seu Antonico sofre do fígado?

CATARINA

Do fígado?! Que lembrança! É um rapagão sadio como há poucos.

AMÉLIA

Olha, Catarina, quando ele te pedir a mão, manda-o examinar atentamente por um médico e se tiver a tal víscera estragada, case-te, mas não venhas passar a lua de mel em Petrópolis. Toma a receita e não te darás mal com ela. Antes de me levar ao altar, disse-me o senhor Teixeira: — Vamos para Petrópolis, meu anjo; lá passaremos oito dias, respirando o ar puro dos campos, embalsamado pelo perfume suave das flores, em um pitoresco chalé que mandei alugar na rua de Dona Francisca. Acordaremos ao romper da aurora, ao cântico dos passarinhos e juntos, bem juntos, como se fôramos duas almas em um só corpo, escreveremos a página a mais feliz da nossa vida naquele Éden de delícias. A perspectiva do quadro agradou-me. Passar a lua de mel no campo era um requinte do bom tom, que até certo ponto lisonjeava-me o amor próprio de moça elegante. Quando aqui chegamos, no começo do verão, Petrópolis começava a animar-se, e os oito dias correram velozes como um raio. Trazia as malas cheias de luxuosas toaletes. Escusado é dizer-te que regalei-me de arrastar sedas por estes campos. Passados os oito dias, disse-me meu marido que dava-se perfeitamente com este clima e que havia resolvido ficar mais dois meses. Aceitei a ideia. Aproximava-se o inverno, Petrópolis começava a despovoar-se e o senhor Teixeira, que se sentia cada vez mais sadio e nutrido, foi-se deixando ficar por aqui, como se estivesse no paraíso. Em um belo dia apareceu-me ele todo expansivo e batendo-me no rosto com aquela afabilidade que lhe é peculiar, cravou-me em cheio no peito esta punhalada: — Amélia, dou-te a agradável notícia de que comprei este chalé e que não sairemos mais de Petrópolis. Quero restabelecer-me para sempre destas malditas cólicas de fígado. Ah! o fígado do meu marido! O fígado do meu marido! (*Levanta-se*)

CATARINA

Porém, o que deseja mais, minha ama? Não vive aqui porventura tão feliz? Tem carro para passear todas as tardes ao alto da serra, mora em uma excelente casa, meu amo a adora.

AMÉLIA

No verão. (*Vai ao espelho*)

CATARINA

Está bem relacionada, todos a estimam, ouve música aos domingos no passeio público...

AMÉLIA

No verão.

CATARINA

Vai às partidas do clube, aos bailes do hotel Bragança...

AMÉLIA

No verão! Mas no inverno, desgraçada, o que fico aqui fazendo?

CATARINA

Come excelente manteiga fresca, magnífico pão de cerveja, bebe bom leite e passeia.

AMÉLIA

E hei de passar aqui a minha mocidade, enquanto que outras mais felizes do que eu dançam no Cassino, vão às corridas do Jóquei Clube, divertem-se pelos teatros, gozam, enfim, de todos os prazeres da corte! Se soubesses como fico, quando neste ermo leio os jornais de maio a outubro! Nunca viste contar a história de certo sujeito que não tendo dinheiro para comer costumava colocar-se todos os dias à porta de um hotel e aí saboreava um pedaço de pão duro, aspirando o perfume das iguarias que partiam da sala de jantar? Assim sou eu quando recebo notícias da corte durante o inverno.

CATARINA

Tenha fé em Deus, minha ama. Não havemos de ficar aqui eternamente.

AMÉLIA

Que horas são?

CATARINA

Oito horas. Vosmecê não vai buscar meu amo? Hoje é domingo e os carros da serra devem chegar às dez.

AMÉLIA

Não; espero-o aqui. Antes de partir fizemos uma *Philippina* que vai decidir da minha sorte e não quero perder a única ocasião que tenho de mudar-me de uma vez para a corte.

CATARINA

Uma *Philippina*?! O que vem a ser isto, minha ama?

AMÉLIA

Eu te explico. Como sabes, Teixeira foi para o Rio a fim de tratar de um negócio importante, não querendo levar-me, sob pretexto de que a febre amarela lá está grassando com muita intensidade. Anteontem, quando jantávamos, descobri por acaso, à sobremesa, duas amêndoas unidas sob o mesmo invólucro. Comendo uma, e entregando outra a meu marido, disse-lhe *J'y pense*.

CATARINA

Gypança?

AMÉLIA

J'y pense é um jogo em que as mulheres ganham sempre e os homens perdem.

CATARINA

E em que consiste este jogo?

AMÉLIA

No seguinte: logo que Teixeira encontrar-me, se ao receber um objeto qualquer de minhas mãos não disser imediatamente *J'y pense*, terá de pagar uma prenda e o mesmo acontecerá comigo em idênticas circunstâncias.

CATARINA

Que excelente jogo! E a senhora ganha com toda a certeza, porque ele não tarda a chegar e (*Dando-lhe uma carta*) pode meter-lhe logo nas mãos esta carta que há pouco vieram aqui trazer.

AMÉLIA

Magnífico! (*Guarda a carta*) Aposto, porém, que não sabes quais foram as condições que estabelecemos.

CATARINA

Se meu amo perder, dá à minha ama um bonito bracelete.

AMÉLIA

Qual bracelete! Se Teixeira perder muda-se de uma vez para a corte e se eu tiver a desgraça de ser codilhada, bordo-lhe um par de chinelas.

CATARINA

E meu amo estará pelos autos?

AMÉLIA

Que remédio! Comprometeu a sua palavra de honra!

CATARINA

Então tome cuidado que ele há de fazer todo o possível por ganhar.

AMÉLIA

Veremos. Logo que o carro parar no portão, vem avisar-me. Arranja esta sala e manda preparar o almoço. (*Sai*)

CENA II

Catarina e depois Boaventura.

CATARINA (*arrumando a sala*)

Muito sofre esta pobre moça, coitada! Ah! Se eu tivesse a fortuna que ela possui, como não seria feliz ao lado do meu Antonico! É

verdade que eu o amo e ele me adora, mas o ofício de fazer bengalas não dá para viver e não há remédio senão ir dançando polcas até que lhe sobre alguma aragem de felicidade.

BOAVENTURA (*entrando com uma mala e parasitas*)

Ora, muito bons dias.

CATARINA (*assustando-se*)

Ah! que susto!

BOAVENTURA

Não se incomode comigo. Onde está a dona da casa? Faça o favor de guardar esta mala. Eu fico em qualquer quarto. Não sou homem de cerimônias. Peço-lhe que tenha cuidado com as parasitas.

CATARINA

Mas quem é o senhor? O que quer?

BOAVENTURA

Sou um homem, como vê. Vim passar alguns dias em Petrópolis e não hei de dormir no meio da rua.

CATARINA

Mas isto aqui não é hotel.

BOAVENTURA

Já sei o que vem dizer-me. Dos hotéis venho eu, não me conta nada de novo. Que noite! Se eu lhe disser que ainda não preguei olho até agora, talvez não acredite.

CATARINA

E o que tenho eu com isto?

BOAVENTURA

O que tem a senhora com isto?! Decididamente isto é uma terra de egoístas! Onde está a dona da casa, quero me entender com ela.

CATARINA

Tome a sua mala, vá-se embora, senhor.

BOAVENTURA

Sair daqui? Nem que me rachem de meio a meio.

CATARINA (*atirando a mala e as parasitas no chão*)

Eu já lhe mostro. (*Sai*)

BOAVENTURA

Não me esbandalhe as parasitas.

CENA III

Boaventura e depois Amélia.

BOAVENTURA

E dizer-se que vem gente a esta terra para divertir-se! Pois não! Que belo divertimento, senhor Boaventura. Sair um cidadão da corte com o sol a pino, suando por todos os poros, andar aos trambolhões da barca para o caminho de ferro, do caminho de ferro para os carros, chegar aqui quase ao cair das sombras, percorrer os hotéis um por um e ouvir da boca de todos os locandeiros esta frase consoladora: — Não há mais quartos, estão todos ocupados. Quem me mandou vir a Petrópolis! Pois eu não podia estar agora muito a gosto no beco do Cotovelo, aspirando o ar puro da praia de D. Manoel? Quem me mandou acreditar em caraminholas de febre amarela?

AMÉLIA (*entrando*)

O que deseja, senhor?

BOAVENTURA

Sente-se, minha senhora, (*dando-lhe uma cadeira*) e faça o favor de ouvir-me com toda atenção.

AMÉLIA (*à parte*)

E então? Não é ele que vem oferecer-me cadeiras em minha casa?

BOAVENTURA

Tenha a bondade de sentar-se.

AMÉLIA

Estou bem.

BOAVENTURA

Uma vez que quer ouvir-me em pé, não faça cerimônias.

AMÉLIA

O seu comportamento não tem explicação.

BOAVENTURA

Explica-se da maneira a mais fácil possível.

Chamo-me Boaventura Fortuna da Anunciação, tenho cinquenta e dois anos, sou solteiro e vim para Petrópolis passar estes três dias santos aconselhado pelos médicos.

AMÉLIA

Não tenho o prazer de conhecê-lo.

BOAVENTURA

As relações adquirem-se e é por isto que estou me apresentando.

AMÉLIA (*à parte*)

É inaudito!

BOAVENTURA

Eu bem sei que deve ser até certo ponto estranhável este meu procedimento, mas estou certo de que a senhora no meu lugar faria o mesmo. Faria o mesmo, sim, não se admire; porque, enfim, não havendo mais lugares nos hotéis, é justo que se entre pela primeira porta que se encontra aberta para pedir uma pousada.

AMÉLIA

Ah! Agora compreendo. E pensa o senhor que a minha casa é estalagem?

BOAVENTURA

A senhora diz isto porque não imagina a balbúrdia que vai por aí. (*Mudando de tom*) É verdade, o seu nome? Como temos de morar juntos por alguns dias, é justo que saiba desde já com quem vou ter a honra de tratar.

AMÉLIA (*à parte*)

E então?

BOAVENTURA

Tem cara de que se chama Bonifácia! Aposto que acertei. Que sarilho, Dona Bonifácia! O Bragança está cheio como um ovo: dorme-se ali por toda a parte, sobre os bilhares, sobre a mesa de jantar, a de cozinha, em cima do piano, pelos corredores, na escada, até a própria sala do baile alemão já foi transformada em dormitório. O *Du Jardin* está que é uma lua cheia, o *MacDowalis* vomita gente pelas janelas e portas.

AMÉLIA

Ainda tem o recurso do hotel dos Estrangeiros, senhor.

BOAVENTURA

Pois não, fresco recurso! Cansado de andar correndo Seca e Meca, fui lá bater anteontem, às 9 horas da noite e a muito custo consegui que dois hóspedes que lá estavam e que deviam dormir na mesma cama, cedessem-me um lugar no meio, observando-me o dono da casa que nada tinha que pagar por ser aquilo um obséquio que os dois sujeitos me faziam. Instalei-me no centro e quando principiava a conciliar o sono, começaram os companheiros das extremidades a brigar por causa do lençol. O dito era na realidade um pouco curto! Um puxava daqui, outro dacolá, até que afinal um deles zangado perguntou-me: o senhor também não puxa? Eu que me achava bem acomodado e que estava gostando do fresco, disse-lhe: — Meu caro

senhor, eu não puxo porque não paguei. Não acha que respondi bem?

AMÉLIA

Esta resposta define-o.

BOAVENTURA

Os tais companheiros não quiseram mais me receber. Ontem dormi ao relento nos bancos da porta do hotel de Bragança. Sabe a senhora Dona Bonifácia o que é dormir aqui ao relento, alumiado pelos pirilampos, ouvindo uma orquestra diabólica de sapos? Hoje não estou disposto a passar a mesma noite e portanto instalo-me aqui. A casa convém-me, é bastante espaçosa, arejada, está em um belo sítio.

AMÉLIA

Ou eu estou sonhando ou o senhor é de um desfaçamento sem igual!

BOAVENTURA

Nem uma nem outra coisa.

AMÉLIA

Quer então instalar-se aqui?

BOAVENTURA

Se não lhe der isto grande incômodo...

AMÉLIA

Ah! Essa é boa! Provavelmente há de querer também que lhe dê carro para ir ao *bois* todas as tardes, um ginete para ir à Cascatinha.

BOAVENTURA

Não, eu cá dispenso essas coisas; prefiro boa mesa e boa cama. Mas, agora reparo, a senhora tem um vestido chibante.

AMÉLIA

Acha?

BOAVENTURA

Gosto de ver como anda esta gente por aqui! Caudas de seda e de veludo a varrerem a lama das ruas, os homens todos enluvados com enormes catimplórias na cabeça e alguns até de casaca com luvas cor de papo de canário. Gosto disto. Assim é que eu entendo viver em campo. Porém, eu estou tomando-lhe o tempo. Vá tratar de arranjo da casa. Provavelmente ainda não almoçou e enquanto se prepara o almoço, há de permitir-me que me entregue por alguns momentos à leitura.

AMÉLIA (*à parte*)

Estou pasma. (*Boaventura senta-se, tira um livro do bolso e lê*) O que está lendo?

BOAVENTURA

Um livro precioso.

AMÉLIA

Deveras?

BOAVENTURA

Preciosíssimo!

AMÉLIA

O que vem a ser então esse livro?

BOAVENTURA

Intitula-se: *Manual prático do celibatário*. É a vigésima edição.

AMÉLIA

Deve ser uma obra interessante.

BOAVENTURA

Interessantíssima. Este livro jamais me abandona. É o meu breviário, o meu evangelho, a cartilha por onde rezo...

AMÉLIA

Sim? Estou curiosa por saber o que ele contém.

BOAVENTURA

Nada mais nada menos que todos os meios de que uma mulher pode lançar mão para enganar um homem.

AMÉLIA

E estão aí todos esses meios?

BOAVENTURA

Todos, todos, um por um. A este filantrópico livrinho devo a liberdade de que gozo. Leio-o todos os dias pela manhã, em jejum, ao meio-dia e à noite antes de me deitar.

AMÉLIA

Acho-o pequeno demais para a vastidão do assunto.

BOAVENTURA

Oh! mas isto é essência e essência muito fina.

AMÉLIA

De maneira que não há mulher que possa hoje enganá-lo.

BOAVENTURA

Desafio a mais pintada.

AMÉLIA (*à parte*)

Este homem é um original! Oh! Que ideia! Não há dúvida, é um presente que o céu me envia para realizar o que pretendo. Mãos à obra. (*Alto com meiguice*) Senhor Boaventura?

BOAVENTURA

O que é, Dona Bonifácia?

AMÉLIA

Não me trate por este nome. Eu me chamo Amélia Teixeira, a mais humilde de suas criadas.

BOAVENTURA

Oh! Minha senhora! (*À parte*) Que metamorfose!

AMÉLIA

Não acha bonito o nome de Amélia?

BOAVENTURA

Encantador! Conheci uma Amélia a quem amei com todas as veras de minha alma.

AMÉLIA

Ah! Já amou?

BOAVENTURA

Muito!

AMÉLIA

Acaso poderei saber quem era essa criatura feliz, esse ente venturoso, com quem o senhor repartiu os tesouros de um afeto tão puro? (*Lançando um olhar lânguido*)

BOAVENTURA

Pois não, minha senhora. Era minha avó. (*À parte*) E esta! Que olhos que me deita!

AMÉLIA (*suspirando*)

Ai! Ai!

BOAVENTURA (*à parte*)

Suspira para aí que comigo não arranjas nada.

AMÉLIA

Senhor Boaventura?

BOAVENTURA
Minha senhora?...

AMÉLIA
Não conhece febre?

BOAVENTURA
Todos nós mais ou menos somos médicos. Está doente?

AMÉLIA
Não me sinto boa.

BOAVENTURA
O que tem?

AMÉLIA
Uma dor aqui. (*Aponta para o coração*)

BOAVENTURA
Isto é constipação. Tome um chá de sabugueiro, abafe-se bem e ponha um sinapismo na sola dos pés. (*À parte*) Não me apanhas não, mas é o mesmo.

AMÉLIA
Tenha a bondade de examinar o meu pulso.

BOAVENTURA (*à parte*)
E esta! (*Levanta-se e examina-lhe o pulso, à parte*) Que mão, santo Deus! (*Alto*) Não é nada. (*À parte*) Cuidado, senhor Boaventura. Faça-se firme e compenetre-se das verdades preciosas do seu livrinho. (*Senta-se e continua a ler*)

AMÉLIA (*à parte*)
Está a cair no laço. (*Alto*) Chegue a sua cadeira mais para cá.

BOAVENTURA
Estou bem aqui, minha senhora.

AMÉLIA

Ora, chegue-se mais para cá, eu lhe peço.

BOAVENTURA

E que aí deste lado bate o sol...

AMÉLIA

E o senhor tem medo de queimar-se?

BOAVENTURA (*à parte*)

Não há dúvida! Esta mulher está mesmo me provocando.

AMÉLIA

Chegue a sua cadeira.

BOAVENTURA (*à parte*)

Sejamos forte. (*Chega a cadeira*)

AMÉLIA

Feche este livro. Vamos conversar. (*Fecha o livro*)

BOAVENTURA (*à parte*)

Que olhos! Parecem lanternas! Estou aqui, estou perdido.

AMÉLIA

Dê-me a sua mão.

BOAVENTURA (*dando a mão, à parte*)

Santa Bárbara, São Jerônimo! Que veludo!

AMÉLIA

Diga-me uma coisa. Nunca amou a mais ninguém neste mundo, senão a sua avó?

BOAVENTURA

Se quer que lhe responda, largue-me a mão.

AMÉLIA

Por quê?

BOAVENTURA

É que estou sentindo uns arrepios como se estivesse com sezões.

AMÉLIA

Diga. Nunca amou a ninguém?

BOAVENTURA (*terno*)

Não, porém agora sinto que se opera dentro de mim uma revolução como jamais senti. Eu amo uns olhos negros que me fascinaram, mas largue a minha mão pelo amor de Deus, não me perca.

AMÉLIA (*à parte, rindo-se*)

Ah! ah! ah!

BOAVENTURA

Sim, eu amo uma... amo... quero dizer... amo uma mulher, que é a estrela do meu firmamento. (*À parte*) Já não sei o que digo. Atiro-me de joelhos aos pés dela, e está tudo acabado.

AMÉLIA

E quem é essa mulher?

BOAVENTURA (*atirando-se de joelhos*)

Dona Amélia, tenha pena de um desgraçado que a adora. A seus pés deposito o meu nome e a minha fortuna!

CENA IV

Os mesmos e Catarina.

CATARINA (*entrando às pressas*)

Minha ama, minha ama, meu amo chegou. Aí vem o carro.

AMÉLIA

Jesus!

BOAVENTURA

Teu amo? Então a senhora é casada?

AMÉLIA

Sim, senhor e com um homem que é ciumento como um Otelo!

BOAVENTURA

Mas por que não me disse isto logo!

AMÉLIA

Saia, senhor: se ele pilha-o aqui, mata-o.

BOAVENTURA

Estou arranjado! *(Para Catarina)* Dá cá a minha mala e as parasitas.

CATARINA

Ande, senhor, avie-se.

(Boaventura vai a sair pela porta do fundo)

AMÉLIA

Por aí não; vai esbarrar-se com ele.

BOAVENTURA

Quem me mandou vir a Petrópolis?!

AMÉLIA

Esconda-se ali, naquele quarto.

BOAVENTURA

E depois?

AMÉLIA

Esconda-se ali, já lhe disse.

(Boaventura esconde-se no quarto, Amélia tranca a porta e fica com a chave)

CENA V

Amélia, Catarina e depois Luís.

CATARINA

O que fazia aquele sujeito a seus pés, minha ama?

AMÉLIA

Saberás daqui a pouco.

LUÍS *(entrando com uma mala e diversos embrulhos)*

Querida Amélia. *(Dá-lhe um beijo. Catarina toma a mala e os embrulhos)*

AMÉLIA

Que saudades, Luís! Estes dois dias que estiveste na corte pareceram-me dois séculos.

LUÍS

Foi o mesmo que me aconteceu, meu anjo. Venho cheio de abraços e beijos que te enviam tua mãe, as manas, tuas primas... É verdade, a Lulu manda-te dizer que morreu aquele celeberrimo felpudo que lhe deste.

AMÉLIA

O Jasmim? Coitadinho!

LUÍS

Lá ficou toda chorosa. Está inconsolável a pobre menina. Como vai isto por aqui?

AMÉLIA

Cada vez melhor.

LUÍS

Tem subido muita gente?

AMÉLIA

Não imaginas. Anteontem vieram vinte e dois carros, ontem outros tantos... Isto está que é um céu aberto. Que luxo, Luís!

LUÍS

Trouxe-te duas ricas túnicas que comprei na Notre Dame. Disse-me o caixeiro que eram as únicas que vieram.

AMÉLIA

E como deixaste o Rio?

LUÍS

Está que é uma fornalha do inferno, Amélia. A febre amarela de mãos dadas com o calor, a bexiga, a companhia *City Improvements* e o canal do Mangue têm matado gente que é uma coisa nunca vista. Lê o obituário e verás. Ontem fui ao Alcazar...

AMÉLIA

Ah! Tu foste ao Alcazar?

LUÍS

Mas não pude aturar mais do que o primeiro ato da peça. Saí alagado! (*Vendo Catarina, que deve estar inquieta olhando para à porta por onde entrou Boaventura*) Mas que diabo tem esta rapariga que está tão assustada?

CATARINA

Não tenho nada, não, senhor.

AMÉLIA

É que...

LUÍS

É que o quê?

AMÉLIA

É que na tua ausência deu-se aqui uma cena um pouco desagradável...

LUÍS

Uma cena desagradável?!

AMÉLIA

Sim...

LUÍS

Mas que cena foi esta?

AMÉLIA

Não te amofines, eu te peço.

LUÍS

Fala... que estou sobre brasas.

AMÉLIA

Prometes-me que não darás escândalo?

LUÍS

Amélia, eu tremo de adivinhar.

AMÉLIA

Adeus, adeus: se comesas deste modo não conseguirás coisa alguma.

LUÍS

Anda, fala.

AMÉLIA

Introduziu-se há pouco um sedutor em minha casa...

LUÍS

Um sedutor?! Onde está ele?! Onde está este miserável?

AMÉLIA

Ajudada por Catarina e pelos escravos consegui prendê-lo naquele quarto, a fim de que pudesse receber de tuas mãos o castigo que merece.

LUÍS

Tu me pagarás já, patife. (*Vai à porta do quarto*)

AMÉLIA

Onde vais?

LUÍS

Sufocar o bigorrilhas.

AMÉLIA

Queres arrombar a porta?... Espera. Toma a chave.

LUÍS

Dá cá; dá cá. (*Recebe a chave*)

AMÉLIA (*rindo-se*)

Ah! ah! ah!

LUÍS

E tu te ris?

AMÉLIA

J'y pense, j'y pense.

CATARINA

Ah! ah! É boa, é boa. Foi o primeiro objeto que meu amo recebeu e portanto perdeu o jogo.

LUÍS

Ah! velhaca! Lograste-me.

AMÉLIA

Ah! ah! ah! Confessa que perdeste e que foi uma maneira engenhosa de eu ganhar a *Philippina*.

LUÍS

És mulher e basta.

AMÉLIA

Lembras-te do que convencionamos?

LUÍS

Sim, levar-te-ei para a corte todos os invernos. Mas olha que me meteste um susto!...

AMÉLIA (*para Catarina*)

Apronta o almoço. (*Para Luís*) Vai mudar de roupa.

LUÍS

Velhaca... (*Sai*)

CENA VI

Amélia e Boaventura.

AMÉLIA (*abrindo a porta*)

Saia, senhor.

BOAVENTURA

Já se foi?

AMÉLIA

Já.

BOAVENTURA

Não me meto em outra. Parto para a corte e não me apanham tão cedo.

AMÉLIA

Antes de sair diga uma coisa.

BOAVENTURA

O que é, minha senhora?

AMÉLIA

Ouviu o que se acaba de passar entre mim e meu marido?

BOAVENTURA

Ouvi tudo, mas não compreendo coisa alguma.

AMÉLIA

Não me disse há pouco que naquele livro encontram-se todos os recursos de que uma mulher pode servir-se para enganar um homem?

BOAVENTURA

Sim, senhora.

AMÉLIA

Pois acrescente lá esse meio de que uma mulher lançou mão para enganar a dois homens. Ah! ah! ah! Boa viagem.

(Boaventura sai)



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com